



CARTOGRAFIA ESCOLAR E MÉTODOS DE ENSINO – IDENTIFICANDO DEMANDAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Bruno Lins Quintanilha¹
Leandro Andrei Beser de Deus²

RESUMO

Por meio de revisão bibliográfica, identificamos a necessidade de pesquisar e discutir possíveis articulações entre a cartografia e os métodos de ensino na educação de caráter geográfico e suas possíveis demandas. Este trabalho tem como objetivo identificar percepções de docentes de geografia da educação básica acerca da questão dos métodos de ensino e do uso da cartografia no ensino de geografia que forneçam subsídios para discussões, reflexões e investigações sobre a temática. Como método para atingir o objetivo proposto, foi feito o uso de um questionário quali-quantitativo que foi aplicado a 81 docentes de geografia que atuam na educação básica. Os dados levantados foram organizados, sistematizados e indicaram os seguintes pontos como questões para debate e reflexão: a) percepção favorável dos docentes referente ao uso de métodos ativos de ensino e desfavorável em relação ao uso de métodos tradicionais; b) relato de uso quantitativamente elevado de mapas e atividades de mapeamento dos docentes em suas aulas de geografia e reconhecimento da relevância do uso prático do instrumental cartográfico para um ensino de geografia mais atrativo e significativo para os estudantes; c) apontamento de elementos que os docentes julgam como principais obstáculos para o uso de métodos ativos nas aulas.

Palavras-chave: Ensino de geografia; Cartografia; Métodos de ensino.

ABSTRACT

Through a literature review, we identified the need to research and discuss possible articulations between cartography and teaching methods in geography education and their possible demands. This work aims to identify the perceptions of geography teachers in basic education about the issue of teaching methods and the use of cartography in geography teaching that provide subsidies for discussions, reflections and investigations on the subject. As a method to achieve the proposed objective, a qualitative-quantitative questionnaire was applied to 81 geography teachers who works in basic education. The data collected were organized, systematized and indicated the following points as questions for debate and reflection: a) favorable perception of teachers regarding the use of active teaching methods and unfavorable in relation to the use of traditional methods; b) report of the quantitatively high use of maps and mapping activities by teachers in their geography classes and recognition of the relevance of the practical use of cartographic instruments for a more attractive and meaningful teaching of geography for

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor do Departamento de Geografia do Colégio Pedro II - RJ, brunolquinta@yahoo.com.br;

² Doutor em Planejamento Ambiental pela COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Instituto de Geografia da UERJ – RJ, leandrobaser@gmail.com



students; c) indication of elements that teachers consider as the main obstacles to the use of active methods in classes.

Keywords: Geography teaching; Cartography; Teaching methods

INTRODUÇÃO

A geografia é um campo do conhecimento voltado para a compreensão da espacialidade da realidade social (ALMEIDA; PASSINI, 2011). Além disso, a capacidade de conhecer e pensar geograficamente tem a função de situar os estudantes no espaço do mundo que é construído pela sociedade e, sendo assim, a geografia é uma disciplina indispensável ao entendimento do mundo contemporâneo (CALLAI, 2018; OLIVA, 2018)

O ensino de geografia tem como um de seus principais objetivos o de:

contribuir para que, tanto alunos quanto professores, enriqueçam suas representações sociais e o conhecimento das dimensões social, natural e histórico do espaço. Sabendo-se que a ciência geográfica tem grande contribuição no desenvolvimento do cidadão, visto que permite compreender a organização e dinâmica do espaço geográfico, tanto em escala local quanto global. Em outras palavras, possibilita entender melhor o mundo neste processo ininterrupto de transformação. (MENDES; SCABELLO, 2015, p. 40)

Junto a relevância da geografia na formação intelectual e social dos estudantes, também reconhecemos a cartografia como componente importante para a realização do ensino de geografia (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, Maria Simielli (2018, p. 108) argumenta que “devemos e podemos usar cada vez mais a cartografia em nossas aulas, pois ela facilita a leitura de informações para os alunos e permite um domínio do espaço de que só os alfabetizados cartograficamente podem usufruir.”

Entretanto, apesar do reconhecido valor da cartografia para o ensino de geografia, Cesar Oliveira e Ronaldo Duarte (2011, p. 312) constata, a partir de suas experiências profissionais, que “a cartografia não vem sendo efetiva e constantemente utilizada por boa parte dos professores de Geografia, apesar de ser unânime a sua importância como instrumento facilitador da aprendizagem.”



Junto a essa constatação da necessidade de um uso quantitativamente e qualitativamente maior da cartografia no ensino de geografia, alguns autores colocam outras demandas:

Além dos pesquisadores que desenvolveram dissertações e teses, inúmeros outros professores compartilham da necessidade de integrar o mapa no ensino de Geografia para além de uma cartografia tradicional. (RICHTER; MARIN; DECANINI, 2010, p. 170)

Por sua vez, Rosângela Almeida e Elza Passini afirmam que:

A ação para que o aluno possa entender a linguagem cartográfica não está em pintar ou copiar contornos, mas em ‘fazer o mapa’ para que, acompanhando metodologicamente cada passo do processo – reduzir proporcionalmente, estabelecer um sistema de signos ordenados, obedecer um sistema de projeções para que haja coordenação de pontos de vista (descentralização espacial) –, familiarize-se com a linguagem cartográfica. (ALMEIDA; PASSINI, 2015, p. 22)

Além disso, soma-se a essa demanda por outras formas de uso da cartografia no ensino de geografia a questão da forma como as aulas e atividades pedagógicas acontecem. Um conteúdo (geografia) e uma ferramenta (cartografia) podem ser reconhecidamente importantes, entretanto, a depender da forma como são trabalhados, podem vir a não atingir o objetivo de aprendizagem nos educandos. A forma como se ensina é tão importante quanto o que se ensina e o para quem se ensina.

No processo de ensino-aprendizagem da Geografia é preciso levar em consideração o que desperta prazer e curiosidade no educando, por isso, a necessidade de utilizar diferentes meios que possibilitem a construção e a busca de novos conhecimentos. (SILVA; MUNIZ, 2012, p. 65)

No mesmo sentido da forma de ensinar, ou seja, dos métodos de ensino utilizados no processo pedagógico, Marcos Couto assevera que:

é necessário reconhecer que, em muitos casos, o desinteresse dos alunos está relacionado à permanência na escola de uma geografia descritiva e enfadonha, produzindo certo estranhamento entre o discurso geográfico escolar e aquilo que pensam e vivem os alunos. (COUTO, 2015, p. 110)

Aulas onde o professor tem centralidade e os estudantes tem passividade são muito comuns, mas atuam, de certa forma, bloqueando inúmeras possibilidades e construindo uma imagem negativa da escola perante o alunado, como um espaço que tem que ser suportado, ao invés de um espaço atraente e significativo (MELO, 2015).



Dessa maneira, a partir do exposto, é possível levantar os seguintes pontos de discussão sobre o ensino de geografia:

- a) Relevância da geografia para o desenvolvimento intelectual e formação do indivíduo
- b) Cartografia enquanto uma ferramenta relevante para o ensino de geografia
- c) Demanda por práticas cartográficas que transcendam a cartografia de cunho tradicional
- d) Necessidade de atenção para os métodos de ensino utilizados no processo de ensino e aprendizagem

A partir disso, percebe-se a necessidade de pesquisar e discutir possíveis articulações entre a cartografia e os métodos de ensino na educação de caráter geográfico e suas possíveis demandas. Sendo assim, neste trabalho temos como objetivo identificar percepções docentes acerca da questão dos métodos de ensino e do uso da cartografia no ensino de geografia que forneçam subsídios para discussões e demandas acerca da educação geográfica.

Por fim, o trabalho ocorre pela articulação de 3 linhas teóricas principais. A primeira é referente ao ensino de geografia, um amplo campo de pesquisas que se concentra em estudar processos, métodos e elementos ligados ao ensino e aprendizagem da disciplina geografia, principalmente no espaço escolar, pois entende-se que esta disciplina se constitui em “um componente curricular que procura construir as ferramentas teóricas para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais.” (CALLAI, 2011, p. 15)

A segunda é referente a cartografia escolar, que se constitui enquanto “uma área de estudo que analisa o processo do ensino e aprendizagem do mapa, considerando o desenvolvimento mental do aluno.” (DAMASCENO; GORAYEB, 2013, p. 34)

A terceira é referente aos métodos de ensino, mais especificamente os ativos. Estes, seriam compostos por quaisquer métodos que envolvam os estudantes no processo de ensino e aprendizagem de forma que tenham postura ativa (LISENBEE; HALLMAN; LANDRY, 2015).



As metodologias ativas amplamente difundidas têm se apresentado como eficazes, por serem estratégias que minimizam ou solucionam alguns dos problemas encontrados no espaço escolar. Entre suas potencialidades estão a de impulsionar o envolvimento dos alunos por meio de atividades lúdicas, como o uso de jogos, e partir de situações vivenciadas por eles para tratar de temas como cidade ou meio ambiente.

Essas metodologias são apontadas como um caminho que pode ser trilhado pelo professor a fim de obter resultados mais satisfatórios no processo de ensino e de aprendizagem. (MORAES; CASTELLAR, 2018, p. 423)

METODOLOGIA

Para buscar o objetivo do trabalho foi aplicado um questionário qualitativo, via internet, com 81 docentes de geografia da educação básica, visando extrair suas percepções acerca dos métodos de ensino e do uso da cartografia no ensino de geografia para, dessa maneira, construir e sistematizar dados que subsidiem discussões e reflexões em torno da temática.

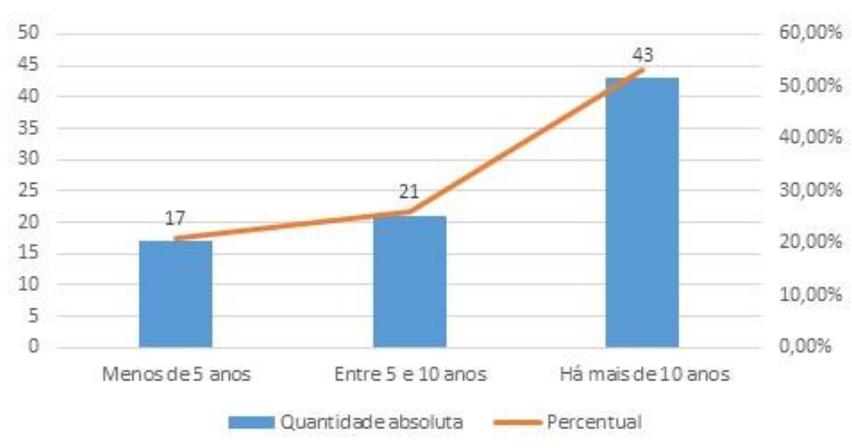
O questionário foi composto de duas partes principais. Na primeira, foram propostas perguntas que proporcionassem identificar aspectos pessoais dos docentes quanto a sua experiência e atuação profissional (tempo de atuação como docente e segmentos em que já atuou e atua). Na segunda parte, são propostas questões quanto aos métodos de ensino e o uso da cartografia no ensino de geografia. Nesta parte, a amostragem de docentes respondeu questões acerca de sua avaliação quanto a:

- a) percepção de efetividade dos métodos ativos de ensino e dos métodos tradicionais de ensino para o processo de ensino e aprendizagem;
- b) frequência e formas de uso da cartografia no ensino de geografia;
- c) relevância de atividades de mapeamento para o ensino de geografia;
- d) aspectos que impedem os docentes de planejar, desenvolver e executar aulas com métodos ativos de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

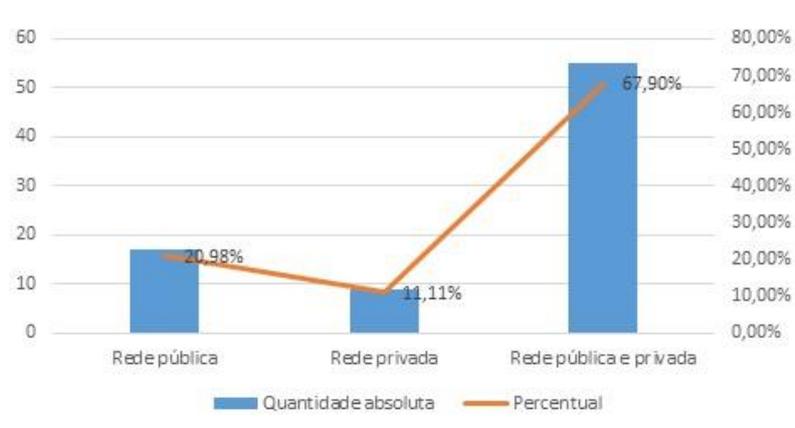


Gráfico 1 – Há quantos anos, aproximadamente, você atua profissionalmente como professor de Geografia?



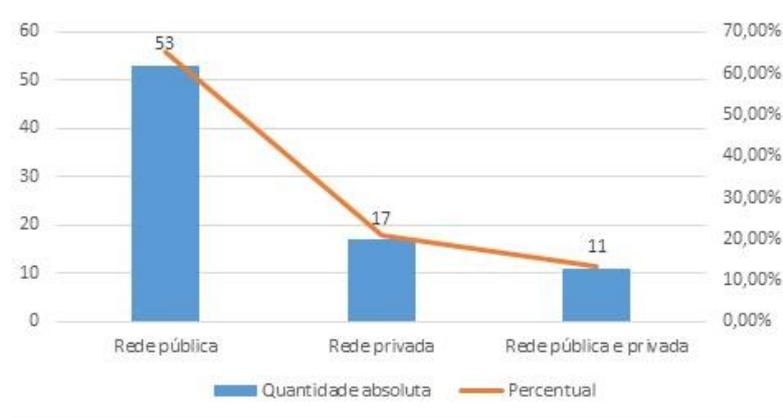
Fonte: Quintanilha (2021)

Gráfico 2 – Em quais segmentos você já trabalhou como professor de Geografia?



Fonte: Quintanilha (2021)

Gráfico 3 – Em quais segmentos você trabalha atualmente como professor de Geografia?

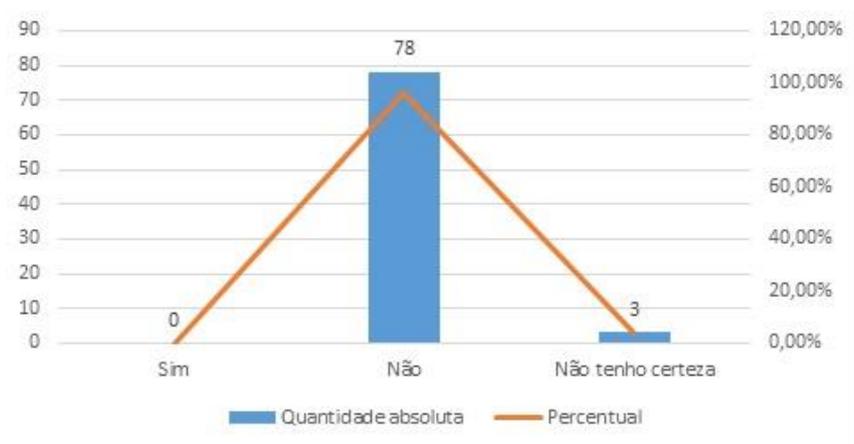


Fonte: Quintanilha (2021)

Esses 3 primeiros gráficos, que correspondem às 3 primeiras perguntas do questionário, tiveram como objetivo principal identificar de forma sintética quem são os docentes participantes da pesquisa e quais suas características em relação ao tempo de experiência em sala de aula e em relação a sua experiência nas redes pública e particular. A amostragem apresenta heterogeneidade em relação ao tempo de experiência docente e também em relação a atuação em diferentes redes. Tal característica é relevante pois aponta que os dados advindos do questionário provêm de docentes que, provavelmente, apresentam diferentes vivências e, assim, perspectivas diversificadas acerca do ambiente escolar e do ensino de geografia, proporcionando maior amplitude de percepções.

A partir desse conhecimento mínimo da amostragem, parte-se para os dados referentes às opiniões e impressões dos participantes acerca da educação geográfica, dos métodos de ensino e da cartografia.

Gráfico 4 – Você avalia que apenas o método tradicional de aulas (anotar matéria no quadro, esperar alunos copiarem, explicar, passar exercícios), é suficiente para um processo de ensino e aprendizagem eficiente no ensino de Geografia?



Fonte: Quintanilha (2021)

Dos 81 docentes respondentes, nenhum avaliou o que aqui chamamos de método tradicional de aulas como suficiente por si só para um processo de ensino e aprendizagem eficiente em geografia. Apenas 3 se colocaram sem certeza e 78 indicam reconhecer a necessidade de outros métodos de ensino, o que evidencia que, em nossa amostragem, os docentes têm plena consciência das limitações desse método quando utilizado por si só.

Nesta pergunta do questionário, além da resposta objetiva também foi solicitado aos respondentes que justificassem textualmente sua opção. Sendo assim, destacamos abaixo algumas justificativas para docentes que responderam “não” que consideramos como mais significativas:

- a) “Acho o método tradicional funciona em algumas circunstâncias, mas não em todas, sendo necessário adição de outras variáveis.”
- b) “Uma efetiva aprendizagem da Geografia pode ser alcançada através de múltiplas linguagens (verbal, fotográfica, poética, jornalística, literária, musical, além da cartográfica, é claro.). Se o docente se restringir à dinâmica mais tradicional de ensino, é muito provável que não ocorra uma aprendizagem a partir da curiosidade, da reflexão acerca de distintas variáveis de determinado fenômeno geográfico, do embate de ideias, etc.”
- c) “O processo de ensino-aprendizagem em geografia requer a utilização de múltiplas linguagens (filmes, fotografias, músicas), debate entre discentes e o professor e também trabalho de campo.”



- d) “Penso que para o desenvolvimento do pensamento e das capacidades cognitivas, é necessário que o estudante seja estimulado de diferentes maneiras, por meio de metodologias variadas.”

Todas as justificativas acima têm em comum o fato de os docentes da amostragem considerarem a necessidade da diversificação de métodos e de recursos de ensino para a obtenção de um maior aproveitamento pedagógico e envolvimento dos estudantes. Abaixo, seguem mais justificativas de docentes à resposta negativa no Gráfico 4:

- e) “Acredito que é fundamental para o ensino-aprendizagem atividades que coloquem o aluno com certo protagonismo, estimulando-os a pensar, criar, criticar etc. Sendo assim, além das aulas ditas tradicionais, seria também importante incorporar no processo de ensino atividades que envolvam discussões, oficinas etc.”
- f) “A construção do conhecimento ocorre de forma mais efetiva quando os discentes participam de forma ativa.”
- g) “Precisamos de trabalho de campo, laboratório, entre outras atividades empíricas para ampliar a construção do conhecimento.”
- h) “Não é suficiente já que o conjunto de atividades listadas pressupõe uma postura mais passiva dos estudantes.”

As justificativas apresentadas pelos docentes da amostragem vão ao encontro da demanda que alguns autores (LISENBEE; HALLMAN; LANDRY, 2015; MORAES; CASTELLAR, 2018) propõem, acerca da utilização de métodos ativos que possibilitem aos estudantes uma postura não passiva e, conseqüentemente, um papel mais ativo em sala de aula e nas atividades. Merlla Paiva et al (2016) destaca o seguinte acerca dos métodos ativos de ensino:

Constatou-se como benefícios das metodologias ativas de ensino-aprendizagem o desenvolvimento da autonomia do aluno, o rompimento com o modelo tradicional, o trabalho em equipe, a integração entre teoria e prática, o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade e o favorecimento de uma avaliação formativa. Como desafios do uso dessas metodologias constatou-se a mudança sistema tradicional, a necessidade de garantir a formação do profissional educador, a questão de abordar todos os conhecimentos essenciais esperados e a dificuldade de articulação com os profissionais do campo necessários em algumas modalidades de operacionalização.



Comprovou-se que o uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem pode ocorrer em diferentes cenários de educação, com múltiplas formas de aplicação e benefícios altamente desejados na área da educação. Segue-se afirmando a importância dessas metodologias como potenciais ferramentas para os profissionais da educação em diferentes áreas do conhecimento que buscam romper com modelos de ensino tradicional e eliminar os efeitos colaterais deste. (PAIVA; PARENTE; BRANDÃO; QUEIROZ, 2016, p. 152)

Abaixo, seguem outras justificativas para a resposta negativa dos docentes à questão do Gráfico 4:

- i) “O mundo é muito mais atrativo que as aulas de Geografia, com isso, nossa ciência tende a sofrer por não conseguir tocar o coração do aluno e com isso lhe motivar.”
- j) “Acho necessário ouvir os alunos e trazer outras atividades que considerem suas vivências para a melhor compreensão do conteúdo.”
- k) “Precisamos passar os conceitos geográficos relacionando com o cotidiano. A participação. Opinião e prática de atividades que represente esse convívio e de melhor aprendizado.”
- l) “É preciso exemplos, participação dos estudantes, usar diferentes instrumentos como vídeos, literaturas, notícias, etc. Os alunos precisam encontrar sentido e aplicar os conteúdos aprendidos no seu dia a dia.”
- m) “A teoria aplicada a prática cotidiana torna o aprendizado mais significativo.”
- n) “Acredito que a construção de conhecimentos espaciais necessita de um processo que ajude a desenvolver diversos aspectos da vida particular e social do aluno. Penso que as aulas de Geografia devem se propor a serem desafiadoras, estimulantes, criativas e esclarecedoras, nunca mecânicas ou repetitivas.”

Este bloco de justificativas revela, segundo a percepção dos docentes da amostragem, a necessidade do ensino de geografia dialogar com o cotidiano, com a realidade dos estudantes, articulando teoria (ciência geográfica) com a prática (vivências espaciais do próprio estudante). Nesse sentido, Lana Cavalcanti aponta que:

A prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento nos seus espaços, discutido e ampliado, alterando, com



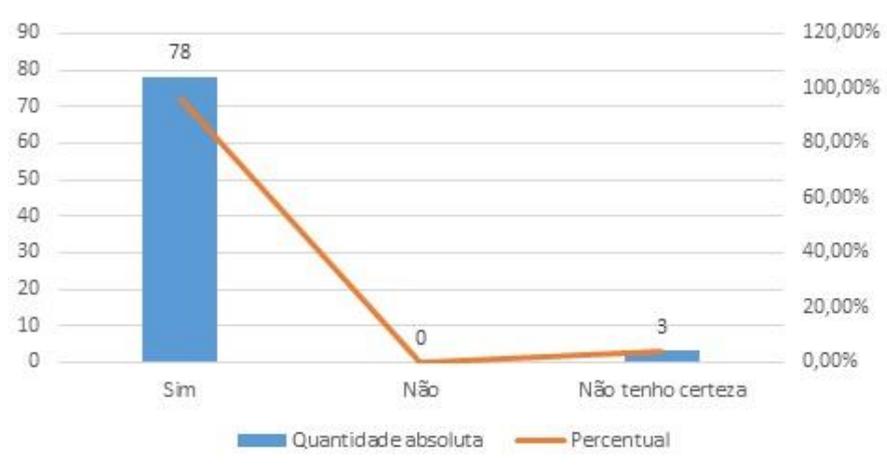
isso, a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica. (CAVALCANTI, 1999, p. 130-131)

. Por fim, seguem mais duas justificativas que avaliamos como relevantes para a discussão:

- o) “Não é o ideal. Mas dependendo do contexto e da estrutura é a única forma possível de trabalhar de forma a atingir todas as turmas.”
- p) “Apesar de não ver o método tradicional como o único capaz de oferecer um correto processo de ensino e de aprendizagem, gostaria de salientar que muitas escolas não dão subsídios necessários para que outros métodos sejam aplicados (material e pedagogicamente falando).”

Neste último bloco de justificativas a amostragem aponta a questão da precariedade material, das relações de trabalho e da cultura escolar presente em muitas instituições – o que também é evidenciado pela amostragem no Quadro 1, mais à frente. Ou seja, segundo os docentes expuseram, não é suficiente apenas o conhecimento do docente relativamente aos métodos ativos e/ou sua vontade de aplicá-los, mas toda uma série de outros elementos como apoio institucional, estrutura física, relações de trabalho que permitam estudo e tempo de planejamento, estrutura de carreira que estimule a formação contínua, etc. O relato da amostragem coaduna com a precarização das escolas e da carreira docente no Brasil apontada por outros autores (SERRA, MARQUES, 2019; ROSA, 2015).

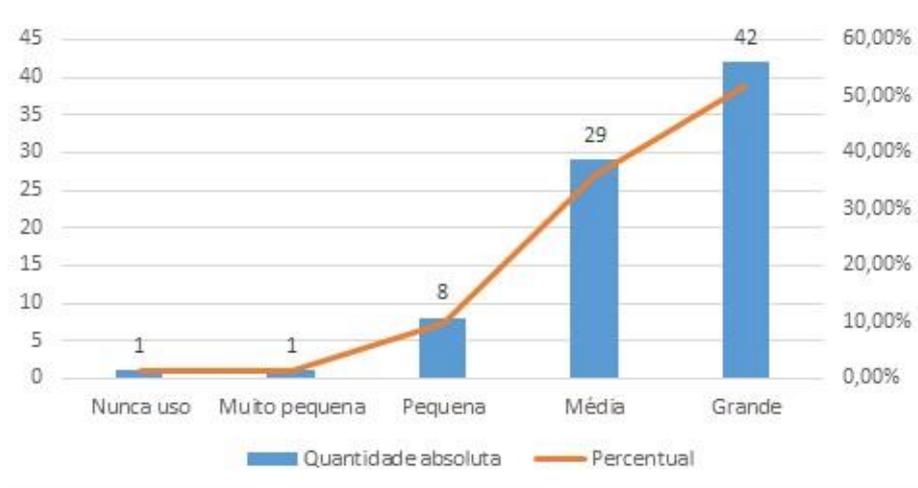
Gráfico 5 – De maneira geral, você avalia que as aulas e o ensino de Geografia, precisam de métodos de ensino mais ativos, que permitam ao aluno investigar, pesquisar, analisar, criar, debates, etc?



Fonte: Quintanilha (2021)

As respostas a esta questão são como um complemento e uma afirmação da ideia contida nas respostas da questão anterior (Gráfico 4), vindo a indicar, empiricamente, por parte da amostragem, uma demanda por aprofundamento de discussões e investigações acerca dos métodos ativos, na medida em que nenhum docente entre o grupo de respondentes avalia que o ensino de geografia não necessita de métodos de ensino opostos aos tradicionais.

Gráfico 6 – Com que frequência você utiliza os mapas como recursos durante suas aulas de Geografia?



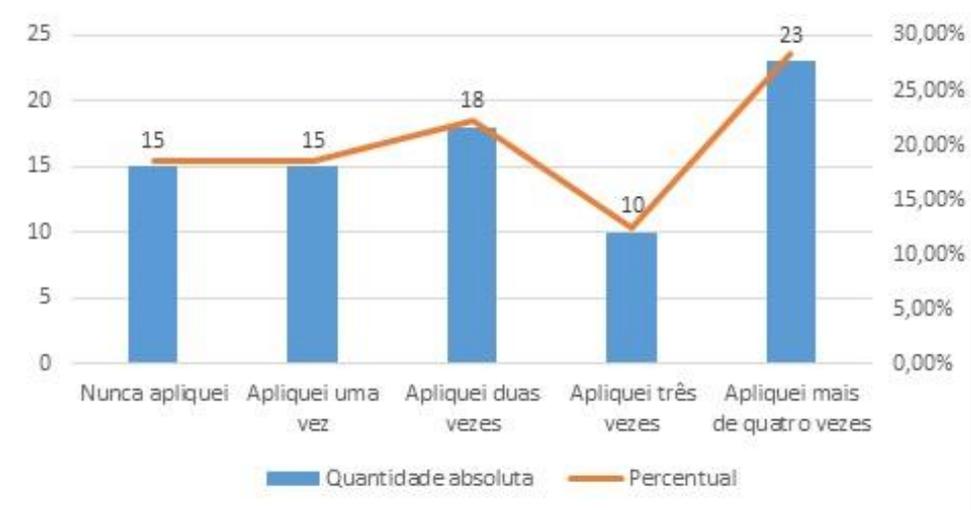
Fonte: Quintanilha (2021)

Uma grande maioria da amostragem (aproximadamente 90%) afirma utilizar mapas com média ou grande frequência em suas aulas de geografia. Isso está em



consonância com a ideia de Adriano Oliveira (2008) acerca da relevância da linguagem cartográfica para o ensino de geografia e também com o pensamento de Maria Simielli (2018), que aponta para a necessidade de utilização dos mapas nas atividades pedagógicas inerentes ao ensino de geografia. Apesar disso, é importante observar que não necessariamente um uso quantitativamente grande de mapas equivale a um uso qualitativamente elevado dos mapas, sendo necessário não apenas questionar se os mapas são utilizados, mas também *como* estes são utilizados.

Gráfico 7 – Com que frequência você aplicou atividades de mapeamento prático com seus alunos, nas aulas de Geografia, no último ano letivo (2019)?



Fonte: Quintanilha (2021)

Nesta questão, apenas 15 docentes (entre 81) relatam não ter aplicado alguma atividade de mapeamento prático em suas aulas de geografia durante o ano letivo relacionado à aplicação do questionário. Sendo assim, a maior parte da amostragem está, segundo suas práticas, em consonância com pensamento de Mariza Pissinati e Rosely Archela:

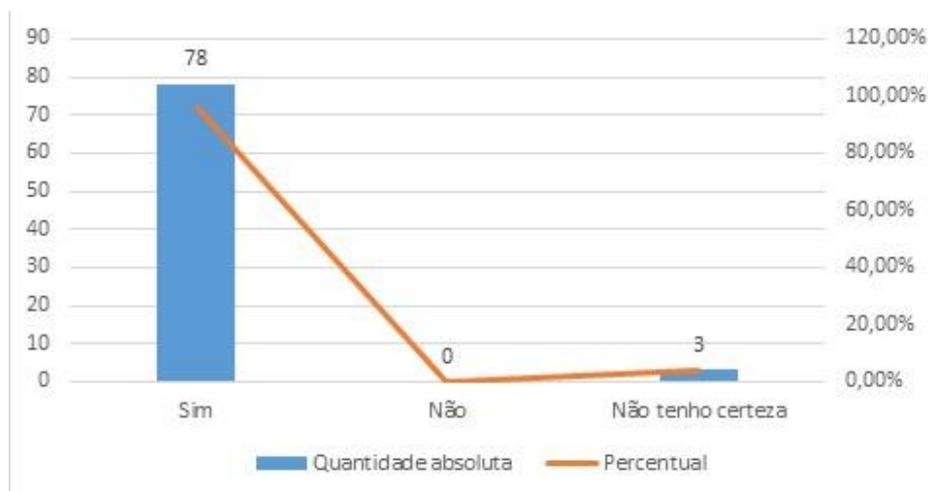
Quanto ao como ensinar sobre o mapa, os objetivos não serão completamente alcançados se o aluno - agora considerando também o adulto - não participar ativamente do processo de construção de um mapa. Só entendemos plenamente aquilo que experienciamos. (PISSINATI, ARCHELA, 2007, p. 179)

Na mesma direção das autoras acima e também da maioria da amostragem, Rosângela Almeida e Elza Passini (2015, p. 22) apontam que “a ação para que o aluno



possa entender a linguagem cartográfica não está em pintar ou copiar contornos, mas em fazer o mapa.”.

Gráfico 8 – Você avalia que a aplicação de atividades de mapeamento prático com alunos torna o ensino de Geografia mais significativo para o discente?



Fonte: Quintanilha (2021)

Esta questão revela que a amostragem está próxima da unanimidade em relação a relevância das atividades de mapeamento no ensino de geografia (que, no geral, se constituem como métodos ativos de ensino), o que é coerente com sua avaliação a favor da utilização de mais métodos de ensino ativos no ensino de geografia.

Quadro 1 – Em sua avaliação, o que impede os professores de planejar, desenvolver e executar aulas com métodos de ensino mais ativos, onde o aluno tenha maior protagonismo e ação?

Impedimentos mais citados	Quantidade de citações
Falta de materiais e recursos	26
Carência de tempo para planejar aulas	22
Formação precária, ausência de formação continuada, falta de conhecimento	20
Falta de infraestrutura na escola	14
Excesso de conteúdos, lógica conteudista,	12



necessidade de cumprir conteúdo programático e o livro didático.	
Baixa remuneração docente, desvalorização da carreira	12
Sistema educacional, cultura escolar, falta de apoio institucional	12
Estudante desmotivado, indisciplina	10
Insegurança do docente ou medo de perder o controle da turma	7
Quantitativo alto de alunos em sala de aula	6

Fonte: Quintanilha (2021)

Nesta questão, todas as respostas foram discursivas, portanto, após leitura e análise dos resultados, foram criadas categorias que representassem os pontos e questões que mais se repetiram nas falas dos docentes. Apesar de surgido da amostragem presente de docentes, este quadro pode ser um indicativo da situação de precarização da educação brasileira³, apontando, segundo a amostragem, que métodos de ensino ativos não são utilizados em maior escala não por falta de vontade ou preparo do docente, mas antes de tudo devido a situação de acentuada precarização do sistema educacional, tanto em relação aos aspectos materiais quanto em relação às relações de trabalho e estrutura de carreira dos profissionais da educação.

Selecionamos algumas respostas que avaliamos como mais significativas e representativas de cada uma das duas categorias representadas que obtiveram maior quantitativo de citações no Quadro 1, começando pela categoria “Falta de materiais e recursos”:

- a) “Ter acesso aos recursos necessários como materiais e recursos tecnológicos.”
- b) “(...) para mim, a dificuldade é quando preciso utilizar materiais para realizar uma atividade, pois sou eu que tenho que comprar – como tinta, xerox, tecido, etc. (...)”
- c) “Olha, gostaria muito de aplicar mais métodos práticos de cartografia. Mas a escola que trabalho não tem acesso a algumas ferramentas importantes para isso. É triste, mas é a realidade.”

³ Ver os trabalhos de Roberto Marques e Enio Serra (2019) e Isaac Rosa (2015).



- d) Falta de recursos pedagógicos, muitas vezes comprados pelos professores para realizar as atividades, além do engessamento da escola e da falta de investimentos no professor através de políticas públicas. Muitos de nós está doente e pauperizado.”

Neste primeiro bloco, a amostragem aponta para um cenário de carência de recursos materiais, o que além de impossibilitar a realização de uma série de atividades, acaba por desmotivar o docente ao longo do tempo, bastando observar a dura afirmativa da resposta d): “*Muitos de nós está doente e pauperizado.*”.

Abaixo, a segunda categoria é referente a “Carência de tempo para planejar aulas”:

- a) “Acredito que a maioria dos professores não conhece métodos alternativos de ensino. Mas, mesmo que conhecessem, poucas escolas tem uma cultura e arranjo que permitam. Para piorar, a maioria dos professores não tem tempo de desenvolverem tais atividades, devido à carga horária intensa.”
- b) “Algumas possíveis razões para essa dificuldade são: a própria formação docente (inicial e continuada) e o respeito à Lei do 1/3 da carga horária docente para planejamento das atividades pedagógicas na grande maioria das redes públicas e privadas de ensino.”
- c) “Falta de tempo, pois tem de dar aula em muitas escolas simultaneamente para conseguir ter um salário digno. E este tipo de trabalho envolve um planejamento de maior tempo, muitas das vezes.”
- d) “(...) a baixa remuneração docente que leva à necessidade de ter vários empregos, dificultando um melhor planejamento e elaboração de suas práticas pedagógicas.”

A resposta a) apresenta o problema da intensa carga de trabalho dos professores em sala de aula, e em conjunto com as respostas c) e d) aponta para um elemento precarizante do magistério, que são os baixos salários, obrigando muitos docentes a trabalharem em mais de uma escola, ampliando a já extensa carga horária e dificultando ou mesmo impossibilitando o preparo de qualquer atividade que requeira mais tempo, pesquisa e preparo. Por fim, a resposta b) indica o descumprimento de legislação que visa regular a carga de trabalho docente em sala de aula e no planejamento, levando em



conta que construir as aulas requer frequentemente muito mais tempo do que para aplicá-las em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS⁴

Depois de tabulados e sistematizados, os dados gerados pelo questionário aplicado a um grupo de professores nos permitiram identificar algumas percepções docentes acerca da questão dos métodos de ensino e do uso da cartografia no ensino de geografia presente na amostragem e que, possivelmente, podem vir a convergir com questões e demandas de outros docentes de geografia.

Ficou claro, segundo a percepção da amostragem, um significativo imbricamento entre ambiente escolar não atrativo, métodos ativos de ensino, cartografia e atividades de mapeamento e ensino de geografia.

O ambiente escolar não atrativo foi identificado empiricamente na amostragem e também foi apontado por Marcos Couto (2015) e Fabiano Melo (2015) e parece possuir, segundo esses autores, relação com os métodos de ensino utilizados.

Os métodos ativos de ensino foram apontados pela amostragem quase que como uma unanimidade enquanto ferramenta para um processo de ensino e aprendizagem eficiente no ensino de Geografia. Isso é corroborado por autores como Merlla Paiva et al (2016) e Sonia Castellar e Jerusa Moraes (2018).

Indiretamente, a cartografia foi reconhecida como um importante instrumento para o ensino de geografia na medida em que os docentes da amostragem utilizam mapas em suas atividades pedagógicas com frequência majoritariamente de média a alta (Gráfico 6), aplicaram, com ampla maioria, ao menos uma atividade de mapeamento prático no ano letivo (Gráfico 7) e indicam, quase de forma unânime, que atividades de mapeamento prático com os estudantes torna o ensino de geografia mais significativo para estes (Gráfico 8). Isso está em consonância com o pensamento de Adriano Oliveira (2008) e Maria Simielli (2018), referente a relevância da cartografia para o ensino de geografia, e de acordo com a proposição de Rosangela Almeida e Elza Passini (2015), referente à necessidade dos estudantes produzirem mapas para melhor aprenderem cartografia.

⁴ Este trabalho surgiu a partir de pesquisa no mestrado em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Por fim, os docentes apontaram que elementos, em sua avaliação, mais impedem os professores de planejar, desenvolver e executar aulas com métodos ativos de ensino: falta de materiais e recursos (26 citações); carência de tempo para planejar aulas (22 citações); formação precária, ausência de formação continuada, falta de conhecimento (20 citações); falta de infraestrutura na escola (12 citações); baixa remuneração docente, desvalorização da carreira (12 citações); sistema educacional, cultura escolar, falta de apoio institucional (12 citações). Essas percepções apontam para o debate acerca de políticas públicas em educação e da valorização da carreira docente como pontos fundamentais para possibilitarem um trabalho de excelência por parte dos docentes.

Dessa forma, o conjunto dessas e de outras percepções fornece material para identificar possíveis demandas para o ensino de geografia e também para discussões em torno de aspectos como cartografia escolar e métodos de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CALLAI, H. Apresentação. In: CALLAI, H (Org.). **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011
- CALLAI, H. C. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, Pontifícia Universidad Catolica de Chile, n. 70: p. 9-30, 2018.
- CAVALCANTI, L. S. Propostas curriculares de Geografia no ensino – Algumas referências de análise. **Terra Livre**, São Paulo, v. 14, p. 111-128, 1999.
- COUTO, M. A. C. Ensinar Geografia na escola pública de hoje. In: SACRAMENTO, A. C. R.; ANTUNES, C. F.; SANTANA FILHO, M. M. **Ensino de Geografia: produção do espaço e processos formativos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequencia, 2015.
- DAMASCENO, M. F. B.; GORAYEB, A. Análise da cartografia escolar no ensino básico: um estudo de caso no ensino de Geografia. **Geosaberes**, v. 4, n. 7, p. 33-49, 2013.
- LISENBEE, P.; HALMANN, C.; LANDRY, D. Geocaching is catching students' attention in the classroom. **The Geography Teacher**, v. 12, n. 1, p. 7-16, 2015.
- MELO, E. A. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, E. Y.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Orgs.) **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.



MENDES, M. P. B. S.; SCABELLO, A. L. M. As metodologias de ensino de Geografia e os problemas de aprendizagem. **Form@re – Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 33-58, 2015.

MORAES, J. V.; CASTELLAR, S. M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrônica de Enseñanza de Las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, A. R. Geografia e Cartografia escolar: o que sabem e como ensinam professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 3, set/dez. 2008.

OLIVEIRA, C. A.; DUARTE, R. G. O uso do instrumental cartográfico como estratégia de educação geográfica no ensino básico. In: Colóquio de Cartografia Para Crianças e Escolares, 7, 2011. Vitória. **Anais..** Vitória, 2011. p. 309-321.

PAIVA, M. R.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **SANARE – Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 15, n. 2, p. 145-153, 2016.

PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia. **Geografia** (Londrina), v. 16, p. 169-195, 2007.

QUINTANILHA, B. L. Cartografia e ensino: uma análise da abordagem de mapeamento participativo como possibilidade para a educação geográfica. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, 2021.

RICHTER, D.; MARIN, F. A. D. G.; DECANINI, M. M. Ensino de Geografia, espaço e linguagem cartográfica. **Mercator** (Fortaleza), v. 9, p. 163-178, 2010.

ROSA, I. G. G. F. Temos uma crise no currículo brasileiro - Sobre a BNCC, Geni e o Zepelim e cortinas de fumaça. **Revista Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4. 2015.

SERRA, E.; MARQUES, R. Da precarização, incorporação ao precariado e desprofissionalização do magistério à formação docente em geografia para a educação de jovens e adultos. In: ROCHA, A. A.; MONTEIRO, A. M. STRAFORINI, R. (Orgs.) **Conversas na escada: currículo, docência e disciplina escolar**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

SILVA, V.;MUNIZ, A. M. V. A Geografia escolar e os recursos didáticos: O uso das maquetes no ensino-aprendizagem da Geografia. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 3, p. 62-68-68, 2012.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA
5ª EDIÇÃO ONLINE

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2018.